

ELEIÇÕES FRIAS

*** Roberto Rodrigues**

Estamos a menos de 50 dias das mais importantes eleições da história contemporânea do nosso país.

E desta vez também há um certo divisor de águas, principalmente entre os candidatos à Presidência da República. De um lado estão aqueles que pregam reformas essenciais que permitam ao Brasil ajustar as contas públicas e o equilíbrio fiscal, gerando com isso uma onda de confiança e a retomada de investimentos privados com a consequente redução do maior câncer das democracias modernas, o desemprego; e do outro se colocam os que defendem a primazia do papel do Estado em suprir a sociedade dos bens e serviços necessários para o crescimento socioeconômico, com ênfase para educação, saúde, transporte e segurança pública.

Ambos os lados buscam atrair os eleitores que andam frustrados e irritados com as recorrentes denúncias de corrupção e com a incompetência de governantes para resolver o que incomoda a todas as famílias, exatamente aqueles temas centrais referidos no parágrafo anterior, e que, sem expectativas quanto ao futuro de curto prazo, se deixam levar pelo absurdo clima do "nós contra eles" instigado por pequena parcela dos partidos políticos.

A sociedade, injuriada com tantas promessas feitas e não cumpridas, parece se inclinar na direção de candidatos que tenham experiência administrativa, mas não sejam tão envolvidos com a política de "p" minúsculo. Difícil encontrar essa mistura, mas os candidatos procuram se encaixar de uma forma ou de outra nesse manequim.

E nos debates que começam a ser realizados, não ajudam o eleitor a encontrar tal modelo. Em meio a acusações e confrontos sobre o que cada um fez ou disse no passado, falta mostrar a direção que todos querem seguir para implementar suas propostas.

Na verdade, estamos precisando de um estadista para tirar o País da situação em que se encontra. Ou, no mínimo, de um estrategista com objetivos definidos no espaço e no tempo. Pressionados uns aos outros entre si e por entrevistadores midiáticos, os candidatos se esmeram em fazer declarações da maior boa vontade quanto ao que fariam, se eleitos, a partir de janeiro de 2019.

Mas nem todo mundo se convence completamente das promessas colocadas.

Isso se traduz num elevado número de pessoas que, nas pesquisas de intenção de voto, declaram que não votariam em nenhum dos candidatos, que anulariam seus votos ou que ainda não sabem quem escolheriam. Há pesquisas em que estes eleitores chegam a mais da metade dos entrevistados. E sobram sinais de uma grande abstenção nas eleições de 7 de outubro próximo.

Com essa realidade, muitos analistas políticos acreditam que o resultado será definido nos últimos dias da campanha. Outros afirmam que o debate principal será travado entre as aparições nos horários gratuitos de TV e de rádio por um lado, e por outro lado os crescentes espaços nas mídias sociais cada vez mais utilizados por marqueteiros modernos.

Essa questão tem a ver com duas condições conhecidas: a primeira é a "chatice" dos programas políticos na TV. Grande parcela da população muda de canal ou de estação na hora da propaganda política, e deixa de conhecer a pregação dos candidatos.

E a segunda, as mídias sociais, vem ganhando muita presença sobretudo entre jovens, sedentos por maior participação no processo eleitoral. Nesse caso grande incerteza está nas combatidas "fake news", mentiras ou ilações publicadas em muitas oportunidades, criando um clima de dúvidas que nem sempre são esclarecidas.

Tudo muito ruim, sinalizando eleições majoritárias mais frias do que as anteriores, exatamente no momento em que a definição do futuro está exigindo maior comprometimento dos eleitores com o que queremos.

Tudo isso sublinha a necessidade de acompanhar mais atentamente as eleições parlamentares para a Câmara dos Deputados e para as Assembleias Legislativas dos estados. A maior parte das ações dos próximos governantes só será implementada se aprovada pelos respectivos Parlamentos. Por essa razão, a escolha de candidatos aos Legislativos (inclusive o Senado) se reveste de grande importância. A busca de candidatos identificados entre si ao Executivo e ao Legislativo, seja através de seus diferentes partidos e programas, seja em função de suas propostas encaminhadas, deve ser a maior possível. Não fará sentido algum escolher um candidato a Presidente reformista e um Deputado Federal populista: não haveria sintonia suficiente para avançar.

Em resumo, num cenário de eleições sem grandes emoções estaremos definindo o mais emocionante futuro de curto prazo. Temos que melhorar muito o debate...

*** Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos toda 3ª terça-feira do mês**